

A Ciência da Felicidade: a Percepção entre Estudantes da Graduação da UFSM (2019-2020)

Dejalma Cremonese¹
Ricardo Corrêa²
Marjana Eloísa Henzel³
Tatiana Nardon Noal⁴

Resumo:

O presente artigo refere-se ao tema da ciência da felicidade e analisa a percepção da felicidade entre os estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), nos semestres letivos de 2019-2020. A partir da contribuição teórica do utilitarismo e dos instrumentos de mensuração da felicidade utilizados pela psicologia positiva, aplicou-se um questionário com 30 questões em uma amostragem de 140 estudantes universitários de diferentes cursos superiores da mesma instituição. Os alunos responderam perguntas sobre percepções sobre a vida pessoal, saúde emocional e relações social. O conteúdo das informações coletadas pode indicar o nível de felicidade e saúde mental em que os participantes se encontravam no momento. Os dados coletados foram agrupados quantitativamente no *software* SPSS® de forma que pudesse facilitar a análise e interpretação das respostas. Os resultados de um modo geral apontam para um percentual significativo de infelicidade entre os entrevistados, sendo que muitos fazem uso de medicamentos para o controle da ansiedade e do estresse.

Palavras-chave: felicidade, bem-estar, percepções, estudantes universitários.

Abstract:

This article refers to the theme of happiness science and analyzes the perception of happiness among students of the Federal University of Santa Maria (UFSM), in the 2019-2020

¹ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2006). Atualmente é professor Associado I do Departamento de Ciências Sociais da UFSM. Professor do Programa de pós Graduação em Ciências Sociais da UFSM. E-mail: dcremoisp@yahoo.com.br

² Doutorando em Ciências Sociais da UFSM. Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Possui graduação em Sociologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2005). Professor do Instituto Federal Farroupilha - Campus Santo Augusto. E-mail: ricardo.correa@iffarroupilha.edu.br

³ Possui graduação em Administração (2005) e mestrado em Engenharia de Produção pela UFSM (2009). Administradora. Assistente de alunos no Instituto Federal Farroupilha. E-mail: marjaadm@gmail.com

⁴ Mestre em Engenharia de Produção na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2012) e Curso Técnico em Segurança do Trabalho, pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2017). Atualmente é professora do magistério superior na UNIPAMPA, Campi Bagé, ministrando as disciplinas de Ergonomia I, Ergonomia II, Segurança Industrial. E-mail: tatiananoal@unipampa.edu.br

academic semesters. Based on the theoretical contribution of utilitarianism and the instruments for measuring happiness used by positive psychology, a questionnaire with 30 questions was applied in a sample of 140 university students from different higher education courses of the same institution. The students answered questions about: perceptions about personal life, emotional health and social relationships. The content of the information collected may indicate the level of happiness and mental health at the time. The collected data were quantitatively grouped in the SPSS software® so that it could facilitate the analysis and interpretation of the answers. The results generally point to a significant percentage of unhappiness among the interviewees, and many use medications to control anxiety and stress.

Key-words: happiness, well-being, perceptions, university students.

Introdução

A felicidade pode ser definida como um conjunto de ideias, carregadas de anseios e sentimentos sociais, aspirações e pretensões (Layard, 2008). Os valores e as condições sociais, políticas e econômicas importam à felicidade. Tal como a honra, que depende dos outros como balizadores da conduta do indivíduo honrado, o “ser feliz” não se identifica apenas com as subjetividades individuais, mas também com um *status*, uma conduta ou performance em sua concepção *happiness*.

Desde o séc. XVIII, ligada às ideias iluministas, a felicidade aproximou-se das formulações hedonistas, ou melhor, se reaproximou, ganhando relevância no debate, dentre as concepções hedônicas. Vale lembrar aqui que o utilitarismo benthamiano tentou fazer da felicidade um princípio de escolha ligado aos prazeres e à dor.⁵ Se bem compreendidos os princípios utilitaristas, a busca pelo bem-estar e pela felicidade não só estariam mais próximos da elucidação científica como seria possível chegar às políticas de seu crescimento geral de maneira mais eficaz. Bentham, talvez, tenha sido um dos primeiros a sugerir uma aferição quantitativa da felicidade. Hoje, psicólogos, economistas, neurocientistas e outros, influenciados pela teoria benthamiana, têm apostado em ferramentas e técnicas de pesquisa para superar o assim chamado “problema benthamiano” de medição da felicidade. Para economistas como Layard ou psicólogos como Kahneman, a felicidade não é algo intangível; ela pode ser mensurada.

⁵ Esta afirmação também é válida para as obras de Henry Sidgwick (*Os métodos da ética*) e Stuart Mill (*Utilitarismo*).

Daniel Kahneman, em sua *Objective Happiness* (2000), e Richard Layard, em sua *Felicidade: lições de uma nova ciência* (2008), têm atualizado o conceito de felicidade - dentro das linhas da filosofia utilitarista – em que esta passa a responder a pares de opostos como satisfação/insatisfação, bom/ruim, prazer/desprazer, abrindo a possibilidade da pesquisa objetiva dentro do quadro “O quanto somos felizes?”, com respostas do tipo: muito, razoavelmente e pouco feliz. Esse é um caminho para as pesquisas sociológicas sobre felicidade, mas percebe-se que o termo felicidade, em muitas dessas pesquisas, pode ser substituído por prazer, satisfação, etc. Assim, torna-se crucial buscar o desenvolvimento ou caminho das ideias de felicidade que atravessam as pessoas enquanto seres sociais.

Antônio Damásio, em duas célebres obras *O erro de Descartes* (1996) e *Looking for Spinoza* (2003), também recorre ao expediente emoção e sentimento para tratar a felicidade. Em uma passagem sobre sentimentos, na obra *O erro de Descartes* (1996, p. 177), Damásio entende a felicidade como a “[...] percepção de certos estados corporais e de pensamentos que estejam justapostos, complementados por uma alteração no estilo e na eficiência do processo de pensamento”. Assim, a felicidade ganhou notoriedade e pode ser um componente importante do mundo contemporâneo, pelo menos nos países ocidentais. O tema da felicidade, então, sai do campo da filosofia, da ética mais especificamente, para ganhar ares de cientificidade. A felicidade agora pode ser mensurada, comparada, escalonada e provada empiricamente. É assim que muitas universidades norte-americanas e britânicas desenvolvem pesquisas sobre a felicidade.

Estudos que buscam compreender o entendimento acerca da temática felicidade têm crescido nas últimas décadas e, em sua maioria, abordam questões sobre o bem-estar subjetivo e sentimentos e cognições positivas e negativas (Bizarria; Barbosa; Rocha, 2017), com ênfase a trabalhos científicos com amostragens populacionais como em Dela Coleta (2006, 2012), Passareli-Carrazzoni (2012); Da Silva (2012), assim como teses sobre psicologia positiva identificadas em Budde (2018) e Oliveira (2019).

A problemática deste estudo situa-se no âmbito da educação no ensino superior, buscando analisar o entendimento discente sobre a felicidade. Nesse contexto, objetivou-se analisar as percepções sobre a felicidade entre os acadêmicos de cursos superiores matriculados na disciplina “Ética e Felicidade”, ofertada pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria no Estado do Rio Grande do Sul (UFSM/RS), nos dois semestres letivos entre os anos de 2019 e 2020.

Assim, apresenta-se uma pesquisa social aplicada, descritiva, com enfoque interpretativo e análise de conteúdo com a aplicação de um questionário adaptado do Estudo da Universidade de Oxford, composto por perguntas sobre: a faixa etária dos acadêmicos, suas percepções a respeito da vida pessoal, emocional e social.

Os dados coletados na pesquisa foram agrupados quantitativamente, de forma que pudessem facilitar a interpretação da realidade analisada. As informações do público pesquisado foram compiladas em um *software* estatístico SPSS®, de maneira que se pudesse indicar as principais características representativas dos acadêmicos e, desta forma, se aproximando do tema proposto.

O estudo, inicialmente, apresenta uma breve contextualização teórica sobre as ideias de felicidade, dentro, principalmente, das linhas do utilitarismo, que é a vertente predominante sobre os estudos científicos nesta área das ciências. Na sequência são explicitadas a metodologia utilizada para a pesquisa empírica no meio acadêmico, os principais resultados e as discussões acerca do questionário aplicado.

Referencial teórico sobre o tema da Felicidade

Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, escreve, pela primeira vez, que há um consenso em relação ao bem ou fim que os indivíduos almejam na vida, a *eudaimonia*. (E.N. I, 4, 15-25). Mesmo que não haja acordo sobre o que é a felicidade, essa definição sugere um “estado de espírito mediante a posse de algo”, ou seja, sentimentos racionalizados que se ligam a coisas, qualidades ou bens. Para o filósofo peripatético, podemos dividir os vários entendimentos de felicidade em três tipos: 1) os que buscam e identificam a felicidade com o prazer; 2) os que identificam a felicidade com as virtudes políticas (honra no caso

aristotélico); e 3) aqueles que identificam a felicidade com a vida contemplativa. Mas Aristóteles reconhece que a maioria das pessoas prefere uma vida de Sardanapalo.⁶

Essa busca, essa engenharia ou *téchne* que leva à vida contemplativa é um legado da filosofia grega, perseguido pelas sociedades ocidentais, na tradição eurocêntrica. Acredita-se que as concepções e os sentimentos ligados à ideia de felicidade se internalizaram nos indivíduos ocidentais a tal ponto que se torna difícil, depois, alguém que nutra a ideia de infelicidade como objetivo; no máximo (voltaremos a esse ponto mais à frente), o sofrimento é encarado como algo libertador para uma vida de felicidade plena no *post-mortem*, como pode-se observar na tradição cristã com sua ideia de *vita beata*.

Pode-se asseverar, então, que há um certo “padrão” ou “molde” do “ser feliz” ligados à inquirição “quais as técnicas e as escolhas efetivas para se viver bem, feliz? Ao escolher a felicidade, escolhe-se o que, por transitividade, para usar uma expressão de Sara Ahmed, se relaciona e liga-se a ela. O que “ter” e o que “ser”, para usar um jargão popular. Aliás, essa distinção já está na *Ética a Eudemo* de Aristóteles (L. I, II-III), a separação entre condições de felicidade e elementos da felicidade.

Ao inquirir sobre o tráfego emocional, Sara Ahmed, em sua teoria das “economias afetivas”, propõe um modelo de funcionamento das emoções como “políticas culturais geopoliticamente situadas” (2019, p.18). Segundo Ahmed, há uma instrumentalização pública dos sentimentos negativos e positivos. Neste artigo, interessa, como *mote* inicial, sua análise da felicidade como sentimento.

Para Ahmed (2019, p. 22), “(...) a felicidade dita a organização do mundo”. Mais, muitas vezes as normas sociais são definidas como bens sociais quando movimentos intelectuais e políticos se utilizam da ideia ou de alguma ideia de felicidade. Obviamente que há um exagero na frase de Ahmed, mas, no exagero, há algo de verdadeiro. A felicidade

⁶ Possivelmente o último Rei da Síria. Ter os gostos de um Sardanapalo, segundo Aristóteles, é moralmente condenável e politicamente perigoso, quando se está no poder. Esse gênero de vida, além de fazer a infelicidade do povo, é um suicídio para o déspota.

contribui para a organização moral e política do mundo ocidental. Não é apenas uma palavra, mas um signo carregado pelos usos da tradição. É uma “palavra” que, dependendo do contexto e do tempo histórico, mobiliza certos conteúdos enquanto desatualiza outros. É como se a forma aceitasse várias substâncias sem perder a identidade (felicidade!); o que, sabemos, é logicamente impossível. Mas o que é, analiticamente, contradição mostra-se como uma força simbólica altamente documentada. Cita-se aqui o movimento intelectual (ou escola intelectual) iniciado por Bentham e propagado, em sua versão clássica, por Stuart Mill e Henry Sidgwick: o utilitarismo.

O utilitarismo se baseia na ideia segundo a qual os indivíduos agem levando em conta um cálculo hedonista. Esse cálculo se baseia na maior soma e intensidade de prazeres e na menor intensidade e momentos de dor. Na política, essa ideia utilitária segue; o governo deve primar pela maior felicidade geral. Bentham formula seu princípio da utilidade da seguinte forma:

A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a *dor* e o *prazer*. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. Ao trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é reto do que é errado, e, por outra, a cadeia das causas e dos efeitos (Bentham, 1989, p. 3).

Bentham acredita que as pessoas são governadas pela dor e pelo prazer. Assim, até mesmo nossos conceitos do certo e do errado derivam da dor e do prazer. Maximizar a utilidade, para Bentham, nada mais é do que maximizar a felicidade. Logo, o objetivo máximo das sociedades, em matéria moral, é alcançar esse objetivo. A felicidade ao maior número de pessoas!

A crítica que se pode fazer ao sistema de Bentham é que o filósofo britânico reduziu tudo o que tem valor “(...) a uma única escala de prazer e dor” (Sandel, 2019, p. 63). John Stuart Mill, o mais renomado utilitarista, no seu *Utilitarismo* e em outras obras, como *Sobre a Liberdade*, reformula os princípios utilitários reconciliando-os com a liberdade individual. Para Mill, a felicidade não deve ser pensada caso a caso, deve ser calculada a longo prazo. Dessa forma, a liberdade individual e os direitos individuais levarão, a longo prazo, à máxima felicidade humana. Portanto, tornar uma sociedade fechada (mesmo que seja para um aumento da felicidade momentânea), não permitindo a livre ocorrência de ideias, faz dela uma sociedade infeliz.

Mill, no seu *Utilitarismo* (2000), argumenta a favor de uma distinção e de uma hierarquia dos prazeres. Para ele, ao contrário de Bentham, há prazeres mais elevados e não se pode ter por base apenas uma maior ou menor intensidade de prazeres ao avaliar uma experiência pessoal. Mas, Stuart Mill segue o mestre ao definir a felicidade como prazer e ausência de sofrimento e por infelicidade dor e privação de prazer (Cf. Cap. II do *Utilitarismo*). Mill também tinha a intenção de reformar a sociedade em busca da maior felicidade ao maior número. Por isso, foi um dos primeiros intelectuais a lutar pela libertação feminina (ver seu livro *A sujeição das Mulheres*).

Henry Sidgwick (1977), em seu tratado “*Os métodos da Ética*” (*The methods of Ethics*, 1874), vê no utilitarismo a busca pela maximização da felicidade. Ao contrário de Bentham, Sidgwick concorda com a crítica ao utilitarismo no que concerne ao princípio benthamiano. Para Sidgwick, há vários princípios que governam a ação, mas os princípios de prazer e dor são os principais. Assim, Bentham errou ao identificar apenas os dois princípios para o agir humano, mas acertou em seus protagonismos. Por isso, Sidgwick mantém-se fiel ao princípio utilitarista como o único que pode assumir o papel de princípio lexical, ou lexicográfico, a saber, um princípio que ordene e coloque em ordem todos os outros (ver *The methods of Ethics*, cap. IV).

Segundo Amartya Sen (2011, p. 306 e ss.), o utilitarismo foi por muito tempo a “teoria oficial” da economia do bem-estar social. E a “(...) economia do bem-estar concedeu à felicidade o *status* de importância única (...)”, colocando-a como base da avaliação social e da elaboração de políticas públicas (2011, p. 306).

A prova da felicidade como conduta em nossa sociedade pode ser acessada nas redes sociais. Nas postagens de usuários nas redes de relacionamento há, sempre, pairando, as imagens do “ser feliz”. Restaurantes, viagens, drinks, comidas, bens... enfim, várias “coisas” simbolizando o “ser feliz”. Sugere-se que a felicidade é uma ideia ligada a um valor social, e que pessoas infelizes, ou que não se sintam felizes, a reafirmam publicamente. É um “padrão social” difícil de contornar. Somos levados a pensar que, talvez, seja mais importante afirmar socialmente um padrão de felicidade do que sentir-se bem.

Para Sarah Ahmed (2019, p. 29, 30), há certos lugares ou *topos* da felicidade, todos esses *topos* são valores sociais: casamento, emprego, família, comunidade. Há um certo “roteiro” pré-estabelecido à felicidade. Esse “roteiro”, ou se quisermos algo mais claro, essa imagem de felicidade é dependente da época e do curso da nossa própria existência. Aceitamos, então, a tese de que sofrem e são regulados por constrangimentos sociais. Não são determinados socialmente, à maneira de Durkheim, mas as normas, os valores e as crenças são disponibilizados socialmente aos indivíduos. É possível, assim, inferir que a felicidade é socialmente construída. Indivíduos ou grupos podem e, efetivamente, transformam as ideias de felicidade recebidas, mas, primeiramente, devem confrontar-se com as ideias disponíveis socialmente.

Atualmente, a ideia de felicidade tornou-se um objetivo compartilhado, buscado e almejado por todas as camadas sociais. Pascal Bruckner (2019), em sua obra *A euforia perpétua*: ensaio sobre o dever da felicidade, afirma que a felicidade se tornou um dever, apesar de as experiências cotidianas não dispensarem a dor e o sofrimento. O dever da felicidade é uma ideologia para Bruckner; assim, ninguém tem o direito à infelicidade. Mas a felicidade de que nos fala Bruckner é a felicidade dos prazeres, a felicidade hedonista, que desce ao mundo como projeto Iluminista, principalmente pós-revoluções: Americana e Francesa. Para Bruckner, enquanto a felicidade era um “soberbo artigo de fé”, podia fazer sonhar, continuar sendo o horizonte de um desejo sempre vivo: “Quando se tornou o único horizonte de nossas democracias, dependente do trabalho, da vontade e do esforço, passou necessariamente a produzir angústia” (2019, p 76). Citando Isaiah Berlin, Bruckner se reporta à velha constatação de que, ao se buscar um ideal, muitas vezes é o seu contrário que surge como resultado (2019, p.77). E essa é a tese central de Bruckner: somos as primeiras sociedades que tornam as pessoas infelizes por buscarem a felicidade.

Deixando de lado as elaborações de Bruckner relativas à felicidade como ideologia, aceita-se sua afirmação de que as ideias de felicidade estão ligadas aos sentimentos de prazer e contentamento contemporaneamente, mas a tradição, é bom deixar claro, já associou sentimentos negativos à felicidade. Aliás, aceitando a tese weberiana de que as ideias desenvolvem suas potências racionais, as ideias de felicidade dividem-se em três linhas paralelas. Primeiro, a ideia de felicidade está vinculada à já mencionada *eudaimonia*. É uma busca por uma vida contemplativa, visando à felicidade. Segundo, a ideia de felicidade como *beatitude*. A busca religiosa que leva à felicidade e, terceiro, a ideia de felicidade como fruição dos prazeres e eliminação da dor e do sofrimento. Aliás, essa ideia proveniente do

Iluminismo, mais corretamente, difundida por Jeremy Bentham e seu utilitarismo, é a base da psicologia positiva e das correntes sociológicas e econômicas que buscam conceber a felicidade como um sentimento capaz de ser mapeado e, assim, passível de testes objetivos. Como já afirmado, os influentes Daniel Kahneman (em *Objective Happiness*, 2000) e Richard Layard, (em sua *Felicidade: lições de uma nova ciência*, 2008), dão continuidade a essa ideia iluminista.

Kahneman prossegue na linha e na perspectiva benthamiana da felicidade. Seu foco concentra-se na possibilidade de checar ou poder avaliar a felicidade de uma pessoa num dado momento X. O psicólogo estabelece 4 níveis de bem-estar, capazes de estabelecer e avaliar tal felicidade.

O primeiro, conhecido como *instant utility*, caracteriza-se como a força de uma disposição para continuar ou interromper a experiência corrente, tendo como base o estar satisfeito (*Being pleased*) ou angustiado (*distressed*). O segundo é o *Remembered utility*, e liga-se a uma avaliação global que recorre a um episódio ou experiência similar no passado. O terceiro, é a satisfação com questões referentes ao domínio da vida, como vida familiar ou trabalho. O quarto é o nível mais alto de integração, englobando todos os níveis da vida, é aí que encontramos e nos deparamos com a dimensão da felicidade e do bem-estar.

Há duas noções de felicidade ou bem-estar que norteiam a pesquisa de Kahnemann. A felicidade subjetiva, que pode ser avaliada através de respostas do pesquisado sobre seu estado de felicidade; enfim, verificar se o pesquisado se considera feliz. E a felicidade objetiva, que recorre ao *instant utility* do pesquisado em um período determinado.

Então, para verificar a felicidade objetiva de uma determinada pessoa em um determinado tempo, momento ou dias, deve-se examinar se essa pessoa, no tempo determinado, gastou tempo em atividade que gostaria de continuar, pouco tempo em situações que ela gostaria de escapar e não muito tempo em situações neutras.

Acreditamos, também, que os objetos “encarnam” valores relativos à felicidade porque cada época, cada cultura, “escolhe” suas concepções de felicidade ligando essas a um conjunto de coisas e objetos, que, em si, são “neutros”. Por exemplo, um carro é um

objeto ou certos carros são objetos ligados à felicidade nas sociedades de consumo se, e apenas se, estiverem ligados a um projeto ou padrão. Em si, um carro é um meio de transporte, suas valorações relativas à felicidade são e foram construídas e ligam-se a outros objetos e valores. Logo, os objetos se tornam “felizes” através da atribuição de valores a eles conforme um projeto.

Para Harry Ealker e Iza Kavedzija, a “felicidade objetiva”, capaz de ser mensurada, ganhou força entre a elite global. Assim, muitos acreditam que a “felicidade objetiva” é capaz ou tem a potência de ajudar a expandir mercados e, também, de ajudar na consolidação de políticas de mercado. Igualmente, aqui, baseados na tese de Willian Davies, a felicidade pode auxiliar em formas de vigilância e controle social.

Mas não é preciso lembrar que, conforme a tese de McMahon (2006), se, por um lado, temos o peso da tradição, por outro, os indivíduos escolhem e tecem o conjunto de valores que pretendem seguir. Identificar os significados da felicidade, legados pela tradição, é importante, mas se faz necessário verificar empiricamente os significados para, assim medir e comparar as concepções da tradição. Nos parece que as escolhas efetivas dos indivíduos são um ponto de ligação entre tradição e construção de significados pelos indivíduos.

A infelicidade, ao contrário da felicidade, é claro, não está ligada a objetos ou coisas, e sim à falta de. É um sentimento de perda, de não realização, de fracasso, de insucesso. Ao definir o par oposto, se esclarece o porquê de a felicidade estar ligada a um sentimento de posse e alcance de objetivos e metas. E essas metas e objetivos, geralmente, estão associados a alguma perspectiva de felicidade. Aliás, o clássico “mal-estar na cultura”, de Freud, pode ser interpretado dentro dessa perspectiva de busca.

A “felicidade” liga-se a certas ideias de felicidade, responsáveis por vincular os afetos e os sentimentos. As ideias de felicidade ligam-se a projetos de vida, a metas e objetivos. São ideias que se ligam a outras ideias e formam um conjunto.

Layard segue o preceito da psicologia positiva, de Daniel Kahneman, ao definir a felicidade como “sentir-se bem” e infelicidade como “sentir-se mal”. Concorde que há fatores externos e fatores internos que promovem ou não a felicidade. Assim, escreve o economista: “quando falo em felicidade refiro-me a sentir-se bem – aproveitar a vida e desejar que essa sensação se mantenha” (2008, p. 29).

Para Layard, as pessoas “(...) pensam ou têm consciência do que sentem” (2008, p. 36, 37). A felicidade pode ser excitada ou tranquila. Os valores e as condições de vida

importam à felicidade: relacionamentos familiares, situação financeira, trabalho, comunidade e amigos, saúde, liberdade pessoal e valores são a chave para medir a felicidade (2008, p. 83). Os cinco primeiros tópicos são os mais importantes. Se a pessoa se sente segura nos cinco primeiros, sente-se feliz (2008, p. 201). Layard (2008), como um seguidor da escola utilitarista, reduz a ideia de felicidade a um conceito científico; isto é, algo que pode ser medido, avaliado e analisado o mais universalmente possível como um sentimento. A característica da noção de felicidade do economista inglês é a avaliação do indivíduo sobre seu sentimento de felicidade no mundo conforme suas atividades sociais e institucionais. Assim, separa a noção de sentimento, uma experiência consciente de emoção, do processo de resposta efetiva. Segue, a definição de Damásio em “O erro de Descartes” (ver nota 16, p. 272). Uma passagem de Damásio esclarece sua definição (1996, p. 177):

A essência da tristeza ou da felicidade é a percepção combinada de determinados estados corporais e de pensamentos que estejam justapostos, complementados por uma alteração no estilo e na eficiência do processo de pensamento. Em geral, porque tanto o sinal do estado do corpo (positivo ou negativo) como o estilo e a eficiência do conhecimento foram acionados pelo mesmo sistema, esses componentes tendem a ser concordantes (apesar de que a concordância entre a informação sobre o estado corporal e o estilo cognitivo pode desaparecer tanto em estados normais como em estados patológicos).

Um sentimento em relação a um determinado objeto baseia-se na subjetividade da percepção do objeto. Da percepção do estado corporal criado pelo objeto e da percepção das modificações de estilo e eficiência do pensamento que ocorrem durante todo esse processo (1966, p. 178).

Segundo Layard (2008), Daniel Kahneman observou, em suas pesquisas, que as pessoas têm mais medo de perder do que desejo de ganhar. Isso se explica pelo desejo de segurança. “É isso o que elas desejam – segurança em todas as nossas cinco primeiras Sete Grandes Fontes de Felicidade: renda, trabalho, família, comunidade e saúde” (p. 201). Esta pesquisa, em boa medida, segue a noção layardiana por isso, baseando-se na aplicação de um questionário adaptado da Universidade de Oxford sobre o tema da felicidade e, desta forma, possibilitar a mensuração quantitativa às percepções dos acadêmicos que cursaram uma disciplina que contemplou o debate teórico sobre o tema aqui referenciado.

Materiais e Métodos

O estudo empírico que se apresenta foi desenvolvido durante a disciplina “Ética e Felicidade” ofertada pelo professor de Filosofia e Ciência Política e equipe do Núcleo sobre Democracia e Desigualdades (NEDD), do Departamento de Ciência Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), nos dois semestres letivos dos anos de 2019 e 2020, respectivamente.

A natureza desta pesquisa vincula-se como um estudo ligado às ciências sociais e humanas, sendo uma investigação sobre a questão social, cujo foco central é a própria sociedade e como ela se organiza de uma forma própria em determinado espaço, marcado pelo passado, e a partir dessas determinações constrói seu futuro, numa dialética do que está dado e o que será fruto do seu protagonismo (Minayo, 2013).

Caracteriza-se também como uma pesquisa descritiva, pois descreve os fenômenos presentes, as situações atuais e os eventos, confrontando e analisando o que os demais estão desenvolvendo em situações e problemas similares, para esclarecer e utilizar em situações futuras (Gressler, 2004). Além de ser uma pesquisa aplicada com enfoque interpretativo, onde o mundo e a sociedade são compreendidos de acordo com a perspectiva daqueles que o vivenciam, sendo qualitativa, pois o objeto de pesquisa é construído socialmente, ou seja, o estudo da experiência vivida e dos processos de interação social (Gil, 2018). Também se faz necessária uma análise de conteúdo visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens (Bardin, 2011).

A pesquisa engloba as questões e os procedimentos que surgiram a partir de dados coletados no ambiente do participante e os dados coletados agrupados quantitativamente de forma a facilitar a interpretação da realidade analisada, e tais interpretações construídas pelo pesquisador (Creswell, 2010).

Desta forma, cada informação obtida a partir da compilação dos dados foi cuidadosamente classificada para que pudesse indicar alguma característica representativa do público analisado e sua relação com a temática, estado da arte, aqui proposta.

O desenho da pesquisa

A ideia de aplicar o questionário, adaptado da Universidade de Oxford, composto por questões sobre o nível atual de felicidade dos acadêmicos e com possibilidade futura de ser novamente aplicado para obter novas informações sobre o nível de felicidade, para se constatar que esta tenha aumentado ou diminuído no decorrer de alguns anos.⁷

O levantamento dos dados quantitativos foi obtido através da aplicação deste questionário aos acadêmicos de diferentes cursos da UFSM matriculados na disciplina Ética e Felicidade durante o primeiro e segundo semestre letivo do ano de 2019, compreendido entre os meses de julho e dezembro, respectivamente. No ano de 2020, em meio à condição de isolamento social provocado pela pandemia COVID-19, as atividades educacionais foram realizadas de maneira remota e *online*, sendo que o questionário foi aplicado a outros acadêmicos matriculados em cursos superiores do primeiro e segundo semestre letivos.

O questionário utilizou uma escala Likert com seis (6) opções de respostas; discordo totalmente, discordo moderadamente, discordo ligeiramente, concordo ligeiramente, concordo moderadamente, concordo totalmente, permitindo aos entrevistados responderem a cada questão em níveis de percepções variadas. Após a compilação dos dados, os mesmos foram agrupados e lançados no SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*) que é um *software* estatístico para as ciências sociais.

A partir desses dados lançados no *software*, foi possível a ilustração de tabelas personalizadas que pudessem explicar as percepções sociais e emocionais dos acadêmicos matriculados em cursos superiores da UFSM/RS entre os anos de 2019 e 2020 e que participaram da disciplina “Ética e Felicidade”.

Os participantes

⁷ Conferir o questionário no seguinte endereço: (<https://www.happiness-survey.com/>).

Foram entrevistados cento e quarenta (140) acadêmicos dos mais diversos cursos superiores ofertados pela UFSM/RS e que participaram da disciplina “Ética e Felicidade” nos dois semestres letivos dos anos de 2019 e 2020, respectivamente.

Essa disciplina é ofertada todos os anos aos acadêmicos de cursos superiores da UFSM/RS que tem como conteúdo básico a obra “*Ética e Felicidade: lições da filosofia antiga para uma vida boa*” (Cremonese, 2017), contemplando temas como: O Ethos do homem feliz, Filosofia como modo de vida, Ética socrática, Amor a partir de Platão, Felicidade em Aristóteles, Bem viver na filosofia helênica, Ética para uma vida boa.

Os entrevistados, que tiveram sua identidade preservada e suas informações pessoais sob sigilo ético, responderam a um questionário com perguntas sobre sua vida pessoal (idade, identidade sexual, religião), formação acadêmica (curso de graduação no qual estavam no momento matriculados), sobre a aprendizagem da disciplina ofertada (o conteúdo da disciplina e a didática do professor), percepções da vida pessoal, emocional e social que pudessem indicar o nível de felicidade em que o participante se encontrava no momento atual.

Assim, cada acadêmico pôde escolher dentre as opções sobre a percepção da vida pessoal, emocional e social sua atual condição de concordante ou discordante, marcando a letra correspondente, de acordo com as seis (6) opções de Likert: discordo totalmente, discordo moderadamente, discordo ligeiramente, concordo ligeiramente, concordo moderadamente e concordo totalmente.

Análise dos resultados e discussões

Para apresentação dos resultados da pesquisa, consideramos a (1) faixa etária dos acadêmicos e as seguintes questões mais relevantes acerca da temática proposta: (2) tive momentos de estresse, ansiedade e tristeza prolongados no último ano; (3) no último ano eu tomei medicamento para controlar o meu estado emocional e psicológico; (4) há uma lacuna entre o que eu gostaria de fazer e o que faço; (5) eu sou muito feliz.

A tabela 1 demonstra que a maioria dos entrevistados tinham idade de até 25 anos. Desta forma, as respostas ao questionário nos direcionaram às análises de público adolescentes/jovens.

Tabela 1. Universo de Amostragem da Pesquisa

Dados da Amostragem		N	%
1. Idade você tem	Até 25 anos	120	85,7%
	26 a 30 anos	12	8,6%
	31 a 35 anos	2	1,4%
	36 a 40 anos	2	1,4%
	41 a 45 anos	4	2,9%
	Total	140	100,0%

Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

Na questão a respeito do estado emocional vivenciado pelos acadêmicos no último ano (2019 - 2020), quase a metade da amostragem (49,29%), ou seja, sessenta e nove (69) acadêmicos concordaram em ter vivenciado algum momento de estresse, ansiedade e tristeza prolongados no último ano, conforme representação da tabela 2. Possivelmente, isso mostre que os acadêmicos tiveram que enfrentar algum momento de infelicidade entre os anos de 2019 e 2020 e tão somente não tenha proporcionado nenhum ou pouco bem-estar.

Para a pergunta, “tomou medicamentos para tratar do seu emocional?”, percebe-se que 37% responderam que concordavam com a pergunta. Se, por um lado, temos uma busca por medicamentos para tratar do emocional, o que é saudável, por outro percebe-se o quanto cedo nossos jovens têm buscado ajuda na medicina (ciência) para tratar de suas patologias.

Para a pergunta “há uma lacuna entre o que faço e gostaria de fazer?”, o resultado traz mais da metade dos acadêmicos (57,14%), ou seja, oitenta (80) acadêmicos responderam que concordam ligeiramente, moderadamente e totalmente com essa afirmação. Se entendemos que o conceito de eudaimonia grega é ter nascido para fazer com excelência o

que se faz, parece que a maioria dos alunos ainda não encontrou um curso ou atividades que lhe dessem sentido e bem-estar.

Talvez este momento de estresse, ansiedade e tristeza tenha se refletido na resposta à pergunta “eu sou muito feliz?”. Dos cento e quarenta (140) acadêmicos que participaram do estudo, cinquenta e quatro (54) ou 38,57% concordaram moderada com a afirmação e apenas vinte e um (21) acadêmicos ou 15% deles concordaram plenamente com a questão “eu sou muito feliz”.

Tabela 2. Percepções dos Acadêmicos

Percepções Social/Emocional							
	Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo moderadamente	Concordo totalmente	Total
2. Estresse, ansiedade, tristeza	6,42%	7,14%	6,42%	18,57%	12,14%	49,29%	100 %
3. Tomei medicamento	60%	2,14%	0%	9,28%	2,85%	25,71%	100 %
4. Lacuna entre fazer e faço	15,7%	16,4%	10,7%	26,4%	18,6%	12,1%	100 %
5. Eu sou muito feliz	2,1%	10,7%	10,0%	23,6%	38,6%	15,0%	100 %

Fonte: Elaboração dos autores, 2021.

A representação a respeito das percepções dos acadêmicos permitiu ilustrar a ideia conceitual central da temática aqui apresentada. Desta forma, os resultados que neste estudo se apresentam respondem aos opostos e abrem as possibilidades de pesquisas sociológicas sobre a temática da felicidade. Desta maneira, entende-se que foi possível analisar a dispersão entre “concordo” ou “discordo” da questão apresentada pelo questionário aplicado ao universo amostral. Certamente a situação que o acadêmico vivenciava no momento atual reflita aqui as suas representações sociais, emocionais e afetivas e proporciona futuras análises e até mesmo novas aplicações de questionários significativa para a manutenção sobre o que é felicidade.

Considerações Finais

Algumas considerações sobre o estudo foram possíveis de ser elaboradas, principalmente quanto ao objetivo proposto de analisar as percepções de Felicidade entre os acadêmicos de cursos superiores matriculados na disciplina Ética e Felicidade, ofertada pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria no Estado do Rio Grande do Sul (UFSM/RS) nos dois semestres letivos entre os anos de 2019 e 2020.

O alinhamento do conteúdo proposto pela disciplina “Ética e Felicidade” e a aplicação do questionário aos acadêmicos dos cursos superiores da UFSM/RS que cursaram essa disciplina nos anos de 2019 e 2020, apresentou-se descritivamente como um uma análise de conteúdo acerca da aplicação de um questionário adaptado do Estudo da Universidade de Oxford, composto por assertivas sobre: informações biográficos dos acadêmicos, o curso superior que o acadêmico frequentava no momento presente, aprendizagem com o conteúdo da disciplina/docente, suas percepções a respeito da vida pessoal, emocional e social.

Desta forma, os dados coletados na pesquisa possibilitaram algumas considerações sobre os acadêmicos: 1) características pessoais como idade e identidade sexual, opção religiosa; 2) características acadêmicas; 3) definições acerca do conteúdo e docente; 4) características pessoais, emocionais e sociais. Essas informações compiladas proporcionaram a obtenção de alguns resultados sobre o tema proposto neste estudo: 1) idade dos acadêmicos; 2) tive momentos de estresse, ansiedade e tristezas prolongadas no último ano; 3) há uma lacuna entre o que eu gostaria de fazer e o que faço; 4) eu sou muito feliz; 5) no último ano eu tomei medicamento para controlar o meu estado emocional e psicológico.

Imprescindível mencionar que o levantamento de dados coletados, através do questionário, foram obtidos em momentos distintos e em condições sociais adversas: 1) ano 2019, a aplicação do questionário foi realizada de forma presencial nas aulas do 1º e 2º semestres letivos, entre os meses de julho e dezembro, respectivamente; 2) em 2020, as

atividades educacionais foram realizadas de maneira remota via plataforma *online*, em função do isolamento social provocado pela pandemia COVID-19.

Acredita-se que as respostas do questionário ao momento atual resultam do conteúdo desenvolvido durante a disciplina “Ética e Felicidade”, sendo que os acadêmicos obtiveram base conceitual representativa sobre a temática da Felicidade e desta forma, possibilitando novas formulações e percepções acerca do tema da felicidade. Isso certamente influenciou às suas respostas.

O estudo aqui apresentado buscou proporcionar a ideia conceitual sobre Felicidade, na linha utilitarista que busca responder aos opostos, a possibilidade da pesquisa objetiva dentro da ideia sobre o quanto somos felizes. Esses caminhos de respostas que as pesquisas sociológicas/econômicas desenvolvem sobre o assunto possibilitam o debate de ideias a respeito da felicidade que nos atravessam enquanto seres sociais.

Bibliografia

AGOSTINHO, S. **De Trinitate** (IX – XIII). Covilhã: Paulinas Editora, 2007/8. [trad. Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Dias, João B. e Maria Cristina Pimentel]. Disponível em: <www.lusofia.net>. Acesso em 10 set, 2021.

Agostinho, S. **Solilóquios**. A vida feliz. 2 ed. (Col. Patrística, Vol. 11. São Paulo: Paulus, 1998. Formato digital).

Ahmed, Sara. **La promesa de la felicidad**. Una crítica cultural al imperativo de la alegría. Buenos Aires, Caja Negra, 2019.

Aristóteles. **Ética a Eudemo**. São Paulo: EDIPRO, 2015. [trad e notas de Edson Bini].

Aristóteles. **Nicomachean Ethics**. Kitchener: Batoche books, 1999 [Trad. W. D. Ross].

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

Bentham, J. “Uma introdução aos princípios da moral e da legislação”. In: **Os Pensadores**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984 [Trad. Luiz João Baraúna].

Bizzaria, F. P. A.; Barbosa, F. L. S.; Rocha, S. G. S.. “Considerações sobre felicidade por Clusters de discentes de administração em uma instituição pública de ensino superior”. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v.8, n.1, p.103-117, 2017. DOI: <http://doi.org/10.6008/SPC2179-684X.2017.001.0009> [CdM1]

Boundon, R. **A ideologia ou a origem das ideias recebidas**. São Paulo: Editora Ática, 1989. [Trad. Emir Sader].

Bruckner, P. **A Euforia Perpétua**. Ensaio sobre o dever da felicidade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2019. [Trad. Rejane Janowitz].

Budde, C. **Políticas e Práticas de Gestão de Pessoas e Felicidade no Trabalho: Estudo de Caso de uma Organização de Tecnologia**. Tese UFSC, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/205071/PPSI0822-T.pdf?sequence=-1>. Acesso em: 10 jun., 2021.

Cremonese, D. **Ética e Felicidade**: lições da filosofia antiga para uma vida boa. Apris: Curitiba-PR, 2017.

Creswell, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Damásio, A. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. [Trad. Dora Vicente; Georgina Segurado].

Dela Coleta, J. A.; Lopes, J. E. F. L.; Dela Coleta, M. F. “Felicidade, bem-estar subjetivo entre universitários”. **Psico-USF**, v. 17, n. 1, p. 129-139, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/BBGKZNL8HG8HZDnPM6NqSPk/?lang=pt>. Acesso em 08 out, 2021.

Dela Coleta, M. F.; Dela Coleta, J. A. “Felicidade, Bem-estar Subjetivo e Comportamento Acadêmico de Estudantes Universitários”. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 533-539, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/D3hXTw5pXdRSnN5LPBZQYPP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 15 julh., 2021.

Durkheim, É. **As regras do método sociológico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019. [Trad. Maria Ferreira].

Freud, S. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010 [Trad. Renato Zwick].

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

Gressler, L. A. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

Kahneman, D. “Experienced utility and objective happiness: a moment-based approach”. In: *Choices, values and frames*. New York: Cambridge University Press and the Russell Sage Foundation, 2000.

Layard, R. **Felicidade**: lições de uma nova ciência. Rio de Janeiro: Bestseller, 2008. [Trad. Maria Clara de Biase W. Fernandes].

McMahon, D. M. **Felicidade**: uma história, São Paulo: Globo, 2006.

Minayo, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Nussbaum, M. **A Fragilidade da Bondade**: fortuna e ética na tragédia e na filosofia gregas. São Paulo: Martins Fontes, 2009. [Trad. Bernardo Ferreira].

Oliveira, E. de J. **Felicidade no trabalho**: uma análise a partir das dimensões do bem-estar. Tese de Doutorado, 2019. Disponível em: http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/13032019_133504_elizangeladejesusoliveira_ok.pdf. Acesso em 10 de julho de 2021.

Passareli-Carrazzoni, P; da Silva, J. A. “Bem-estar subjetivo: autoavaliação em estudantes universitários”. **Estudos de Psicologia**, Campinas I 29(3), 415-425, julho - setembro, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/kWrwXYHjh8FJWDT38C9GL9C/?lang=pt>. Acesso em 08/10/2021.

Pierucci, A. F. **O desencantamento do mundo**. Todos os passos do conceito de Max Weber. 3. ed. São Paulo: USP; Editora 34, 2013.

Potkay, A. **A história da alegria**: da bíblia ao romantismo tardio. São Paulo: Globo, 2010 [Trad. Eduardo Henrique Aubert].

Sandel, M. **Justiça**: o que é fazer a coisa certa. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Sen, A. **A ideia de justiça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [Trad. Denise Bottmann e Ricardo Dominelli Dorneles].

Sidgwick, H. **The methods of Ethic**. 7 ed. New York: The Free Press, 1977. Disponível em <https://as.nyu.edu/content/dam/nyu-as/faculty/documents/justint.pdf>. Acesso em 05/06/2019.

Stuart Mill, J. **A Liberdade/Utilitarismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Walker, H; Kavedzija, I. **Values of Happiness**. HAU: Journal of Ethnographic Theory. 5 (3), p.1-23, 2015.